

MEU ESTRANHO DIÁRIO: A MEMÓRIA DO RESENTIMENTO

MY STRANGE DIARY: THE MEMORY OF RESENTMENT

Letícia Pereira de Andrade¹

Resumo

A finalidade deste artigo é analisar os diferentes eus narrativos no livro *Meu estranho diário* (1996). A obra é uma organização dos manuscritos diários de Carolina Maria de Jesus. Ao remeter às variações incluídas nestes vários “eus carolinianos”, questiona-se a hipótese do ressentimento como motor da narrativa.

Palavras-chave: Eus narrativos. *Meu estranho diário*. Memória. Ressentimento.

Abstract

The purpose of this article is to analyze the different “selves narratives” in the book *My strange diary* (1996). The work is an organization of handwritten diaries of Carolina Maria de Jesus. By referring to these variations included various “selves carolinianos”, questions the hypothesis of resentment as the narrative engine.

Keywords: Selves narrative. *My strange diary*. Memory. Resentment.

Introdução

Ninguém duvida que, contemporaneamente, a produção e a reflexão sobre a memória sejam assuntos dos mais pertinentes, já que estamos vivendo num tempo em que a recuperação do passado gera a obsessão pela idéia de salvar do esquecimento toda e qualquer produção humana. De fato, se os regimes totalitários do século XX tentaram promover, com o intuito de apagar as informações sobre as atrocidades cometidas, a supressão da memória, acabaram por gerar, como reação, meios para a difusão da informação. Segundo Todorov (2000), os resultados desta reação são retratos do nosso mundo contemporâneo: 1) a reconstrução do passado passa a ser vista como ato de oposição ao poder; 2) o apreço pela memória se alarga além de seu contexto original; 3) a memória passa a ser ameaçada não pela supressão da informação, mas por sua superabundância.

A arte ocidental, sobretudo no século XX, acaba por se contaminar pela necessidade de lembrar, pelo *dever* de lembrar. A escrita de textos em primeira pessoa do singular em que um *eu* se apresenta com o mesmo nome da capa e que, portanto, ocupa uma posição múltipla e

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Especialista em Estudos Diacrônicos pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Mestre em Letras pela UFMS. E-mail: Letícia@uems.br

simultânea (protagonista, narrador e autor), acaba por transpor o leitor para a borda da história, sem deixar margem para questionar o processo de ficcionalização dessas narrativas. Porém, confiar plenamente nas confissões desse tipo de escrita é um prazer inocente, já que “diários não são narrativas sem artifício, apesar de a idéia de sinceridade forçar uma espécie de pacto entre o autor e o leitor” (MACIEL, 1997, p. 9).

Dentre os textos testemunhais ou confessionais ou de memórias do século XX, encontra-se *Meu estranho diário* (1996), obra constituída por meio de fragmentos dos manuscritos diários da escritora Carolina Maria de Jesus, organizados pelos pesquisadores Meihy e Levine (1996). Fragmentos que desvelam três trajetórias da autora, organizados sob três subtítulos: “no Quarto de despejo”, “na Casa de alvenaria” e “no Sítio”.

A parte “No Quarto de Despejo” (p. 31) trata do momento em que Carolina Maria de Jesus resolve escrever, tornar-se escritora. Nessa época de miséria na favela do Canindé, às margens do rio Tiete, na cidade de São Paulo, Carolina escreve sobre as “lambanças dos favelados”. É quando conhece Audálio Dantas, o repórter que lança seu primeiro livro intitulado *Quarto de despejo: diário de uma favelada* no mercado editorial.

Na segunda parte, “Na casa de alvenaria” (p. 117), Carolina já é uma celebridade, seu diário *Quarto de Despejo* está sendo vendido e traduzido no mundo inteiro. Já não mora mais na favela, mora em uma casa de alvenaria, como sonhava: tem contato com escritores, editores, pessoas da alta sociedade, mas está sempre criticando a todos, afirmando não se dar bem com a vizinhança burguesa/branca. A partir daqui podemos perceber que a escritora acusa às classes dominantes detentoras do poder aquisitivo e da ciência, e a tudo aquilo que de alguma maneira lhes representam. Esse discurso que ataca sempre ao outro, conforme afirma Nietzsche (1999), é característico dos povos “oprimidos”, que desenvolvem o que o filósofo chama de “memória do ressentimento”, que seria o discurso do dominado contra o dominante.

A última parte do livro, “No sítio” (p. 200), trata do momento em que Carolina Maria de Jesus se muda da casa de alvenaria para um sítio em Parelheiros/SP, com a esperança de encontrar paz longe das letras e da cidade. No sítio, Carolina Maria de Jesus se lamenta da vida, bem como continua a refletir sobre a existência humana.

Essa obra, apesar da aparente simplicidade com que a memória dos acontecimentos é narrada, revela uma singularidade que levou Carolina Maria de Jesus do lixo à fama e da fama ao esquecimento. O texto ora apresentado analisará os diferentes “eus carolinianos” contidos nesse livro *Meu estranho diário*, organizado pelos historiadores José Carlos S. B. Meihy e Robert M. Levine (1996), a fim de mostrar o ressentimento como motor da narrativa. Segundo Breciani e Naxara (2001, p. 31), o ressentimento estaria na base do igualitarismo democrático

destruidor, na raiz dos movimentos populares e anarquistas e, em uma só palavra, na origem da decadência das sociedades ocidentais. Em se tratando da memória do ressentimento, Carolina é um fato individual que se pode comparar também com o de origem coletiva dos negros brasileiros.

A história de Carolina está atravessada, manchada e massacrada pelo preconceito. Historiadores, literatos e cientistas sociais têm se dedicado à apreensão da memória. Memórias que se avizinham de sentimentos de rancores passivos e, indefinidamente, prisioneiras da inveja e do ciúme. Um recalque de ressentimento que transmuta na recusa do esquecimento humilhante da exclusão que obriga o exílio psicológico é o que se nota na inscrição de diários de Carolina Maria de Jesus. Questão delicada que toca em temas como o ódio, a morte, o preconceito, o racismo, as hostilidades, o não lugar dos excluídos e as identidades recalcadas: “Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondiam-me: - É pena você ser preta”.

A afirmação positiva de identidade pelos que se vêm excluídos dos direitos à cidadania é uma rememoração dolorosa que se faz presente no decorrer das inscrições de Carolina, também não menos afirmativa de perseguições étnicas. Carolina julga-se excluída da sociedade pelo fato de ser negra, parece carregar consigo a dor dos seus ancestrais, uma memória acorrentada a uma época em que o negro era escravo, oprimido pelo seu senhor. Corroborar o fato de Carolina chamar Audálio Dantas de “sinhozinho”. Vejamos os diferentes eus narrativos no *livro Meu estranho diário* (1996).

1 A memória da miséria “no quarto de despejo”

A memória é uma atualização do passado ou a presentificação do passado por meio do registro. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais. Para alguns filósofos, a memória é a garantia de nossa própria identidade, o que se pode dizer o “eu” reunindo tudo o que fomos e fizemos a tudo que somos e fazemos. E é isso que Carolina faz ao escrever seus diários: lembrar do inesquecível.

Uma das metáforas de Carolina Maria de Jesus é o “quarto de despejo”, onde se joga tudo o que é imprestável, a começar pelos moradores: “— Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo” (p. 40). Quarto de despejo é, portanto, metáfora da “cidade decadente”, onde se vê toda a desordem da economia capitalista e a aproximação do homem ao animal.

Nesta “cidade decadente”, os habitantes são animalizados: são corvos, porcos, ratos, gatos famintos, quadrúpedes: “Os moços foram embora e disse que iam jogar os sanduíches no lixo que gente de favela são estúpidos e quadrúpedes que estão precisando de ferraduras” (p. 63). Além disso, os seres inanimados recebem ações e sentimentos próprios do ser humano, como: “O pão atual fez uma dupla com o coração dos políticos. Duro, diante do clamor público” (p. 47).

Em *Quarto de despejo*, onde é despejada a miserável Carolina Maria de Jesus, o “eu narrativo” é bastante repetitivo. As anotações datadas de 30 de outubro de 1958 a 4 de dezembro de 1958 iniciam-se sempre com o mesmo enunciado: “Deixei o leito”. Segundo Meihy e Levine (1996, p. 288), na expressão “deixei o leito”, fica a condição de uma sofisticada lingüística que se farta de chavões e saídas usuais do tipo: acordei, levantei, despertei. Por certo, este linguajar é característico da escrita e interessa por mostrar o modo, segundo uns, autêntico, segundo outros, de um tipo de cultura mnemônica em desaparecimento. Nota-se apenas um enunciado diferente, no dia 15 de novembro, quando faz referência aos trabalhadores estarem de folga, as fábricas não estarem poluindo o ar, ignorando saber o motivo do feriado: “15 de novembro de 1958 - O dia surgiu claro por todos os lados que dirijo o olhar vejo tudo nítido (...) O povo que circula vai meditando. Andam como se estivessem fazendo a via-sacra” (p. 69 – sublinhado nosso).

Esta expressão “via-sacra” usada por Carolina Maria de Jesus no final das primeiras anotações soa como premonição do que está por vir. Outros enunciados complementares que utilizam léxicos próprios do catolicismo são: “1 de Dezembro de 1958. Deixei o leito as 5 horas e fui para a penitência” (p.104); “2 de Dezembro de 1958. Deixei o leito e fui para o purgatório” (p.105); “3 de Dezembro de 1958. Deixei o leito e fui para o inferno” (p.111). Essas palavras implica que *Quarto de despejo* é sucursal do inferno, a favela é o espaço das “lambanças” descritas por Carolina Maria de Jesus, o palco onde se desenrola o feio espetáculo da vida.

A favela é um espaço apavorante, onde as pessoas têm mais chance de “delinquir do que tornar-se útil a pátria e ao país”, diz a autora. Há pessoas que, quando se mudam para a favela, são inicialmente amáveis e educadas, tornando-se “soezes e repugnantes” com o tempo. Para os favelados, não há salvação, eles vivem o inferno aqui na terra. Ser favelada é um estigma tão repulsivo que serve até como defesa contra possíveis agressões: “— Eu sou da favela do Canindé. Sei cortar de gilete e navalha e estou aprendendo a manejar a peixeira. Um nortista está me dando aulas. Se vai me bater pode vir” (p.81).

A favela, como retrata a autora, é o quarto de despejo da cidade grande. O espetáculo mais freqüente a que se assiste nesse palco é a violência, as brigas entre maridos e mulheres, pais e filhos, entre as próprias mulheres e entre os homens: “Assembléia de favelados é com paus, facas, pedradas e violência” (p. 60). Carolina condena a violência, mas é paradoxal, ela própria se comporta às vezes com violência, surrando os filhos regularmente e ameaçando os desafetos: “Eu chinguei o Chico de ordinário, cachorro, eu queria ser um raio para cortar-lhe em mil pedaços” (p. 59).

O discurso escatológico, ligado às fezes, comum em textos populares, faz-se presente nessa primeira parte com muita constância: “Às oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre”; “O único perfume que exala na favela é a lama podre, os excrementos e a pinga”. Todo o espaço da favela é dominado pela sujeira, pela imundície. O local provoca nojo nas pessoas, que não se conformam em ter que permanecer lá, considerando-se inclusive inferiores aos animais, como afirma uma nova moradora vizinha de Carolina, ao ser questionada se estava morando na favela: “— Estou. Mas faz de conta que não estou, porque eu tenho muito nojo daqui. Isto aqui é lugar para os porcos. Mas se pusessem os porcos aqui, havia de protestar e fazer greve. Eu sempre ouvi falar na favela, mas não pensava que era um lugar tão asqueroso assim. Só mesmo Deus para ter dó de nós” (p. 46).

A fome é quase uma personagem, que faz companhia constante à família de Carolina e aos outros favelados de Canindé. As maiores tristezas e alegrias dela e dos filhos são, respectivamente, a falta de comida e a presença dela. No dia em que ela consegue servir para os filhos arroz, feijão, repolho e lingüiça, ela se emociona e sente-se mais gente, apreciando a cena com gozo: “Como se eu estivesse assistindo um espetáculo deslumbrante. O fogo no fogão e a gordura fritando na frigideira são os maiores enfeites do barraco” (p. 48).

Para obter comida, Carolina de Jesus faz de tudo: recolhe ossos no frigorífico, cata carnes e legumes nos lixos, vende papéis, estopa e ferro velho para comprar o que comer. A falta de comida deixa Carolina furiosa, abatida, deprimida. Há momentos em que sua revolta por não ter o que comer e dar aos filhos é tanta que ela pensa em suicídio, chegando até a sugerir a morte para os filhos.

Os maiores culpados pela situação dos pobres são os políticos, na visão da escritora. Eles só aparecem na favela em época de eleição, trazendo um pouco de conforto aos miseráveis em forma de feijão e cobertores, além de muitas promessas. Quando são eleitos, fogem do povo. Segundo a autora, Juscelino, por exemplo, é o presidente que não olha para o povo pobre; Carlos Lacerda é o político que se comporta como as mulheres, que só sabem

fazer intrigas. Por fim, Carolina enxerga no branco o motivador das misérias: “o mundo é como o branco quer. Eu não sou branca, não tenho nada com essas desorganizações” (p. 63).

No pensamento de Demétrio (*apud.* CAZAROTTO, 2006, p. 8), a narrativa no âmbito da autobiografia, como as memórias, é um lugar de singularidade por ser *emocional, relacional e significativa*. *Emocional* porque, segundo o autor, ao se narrar a própria vida ocorre um sentir o que se viveu ou que ainda está se vivendo ou que se deseja viver. *Relacional*, porque a história passa a ser vista como uma história compartilhada: ninguém surge do nada, não se vive sozinho nem no isolamento. E, por fim, é *significativa* porque implica um processo de reflexão.

Apreende-se, assim, que a memória tem uma dimensão pessoal, introspectiva (interior) e uma dimensão coletiva ou social. Fato possível de ser identificado nos diários de Carolina Maria de Jesus: tem-se o testemunho de uma personagem que não é apenas o dela, mas de várias outras pessoas que viveram (ou vivem) o mesmo sofrimento ou descaso. Dessa forma, a memória de Carolina de Jesus registrada em *Meu estranho diário* marca a sociedade da época. Também, no tecer da memória de Carolina deixa-se transparecer a “memória do ressentimento”. A lembrança da opressão e submissão leva o pobre à “falsificação com que o ódio recolhido, a vingança do impotente, atentará contra seu adversário (...)” (NIETZSCHE, 1999, p. 344). Em outras palavras, “enquanto toda moral nobre brota de um triunfante dizer-sim a si próprio, a moral de escravos diz não, logo de início, a um ‘fora’, a um ‘outro’, a um ‘não-mesmo’: e esse ‘não’ é seu ato criador” (NIETZSCHE, 1999, p. 343).

Carolina de Jesus, tendo o contexto histórico-geográfico como a paisagem real, olha para si, acentua a sua vida individual, a história de sua personalidade, porém, olha também para os outros que consigo interagem: os favelados, os políticos, os brancos. Dessa forma, a escritora consegue esboçar a comunidade favelada, vendo-se personagem de si mesma, tornando-se voz da intimidade ressentida e porta-voz da coletividade.

Quarto de despejo é o mundo inquieto lembrado e registrado por Carolina Maria de Jesus, um mundo de agruras, com raros momentos de felicidade. A favela, para ela, é a “sucursal do Inferno, ou o próprio Inferno”. A vida não tem nada de belo, é dura como o pão que eles têm de comer, negra como sua pele e como o feijão que obtêm com dificuldade. A vida assim não vale a pena, conforme afirma Carolina em seu provérbio-desabafo: *não há coisa pior na vida do que a própria vida*.

Contudo, percebe-se que em meio a esta memória de sofrimento da miséria Carolina de Jesus tinha sonhos. Um deles era morar em uma “casa resilível”, uma “casa de alvenaria”: “Sonhei que eu residia numa casa resilível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de

criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice...” (p. 35). Conforme seu sonho, um dia, comprou sua casa de alvenaria, pensando que todos os seus problemas seriam solucionados: ilusão de favelada.

2 A memória da desilusão “na casa de alvenaria”

Acreditando que haja uma Carolina, ou seja, um “eu caroliniano” em cada um dos três momentos organizados no *Meu estranho diário*, verificar-se-ão, conseqüentemente, os vários testemunhos, as várias lembranças. Esse segundo momento vai de 28 de outubro de 1961 até 19 de novembro desse mesmo ano, momento rápido de “estrelismo” da autora.

Há um aparecimento de Carolina Maria de Jesus como figura pública a partir da publicação do diário *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, lançado em agosto de 1960. Neste ano de 1960, Carolina Maria de Jesus teve seu apogeu literário com a publicação do livro, organizado pelo jornalista Audálio Dantas. Com uma tiragem de dez mil exemplares, sendo seiscentos vendidos apenas na noite de autógrafos, em um ano, venderam-se cem mil exemplares!

A Academia Paulista de Letras e Academia de Letras da Faculdade de Direito prestam homenagem à escritora, na época, que é capa da revista chamada “Negro, do círculo negro”. Viaja a várias cidades brasileiras para o lançamento de “*Quarto de Despejo*”: Pelotas, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Caruaru e Recife. Amir Hadad monta no teatro Bela Vista uma peça intitulada “*Quarto de Despejo*”. É época em que viaja, também, ao exterior.

Com o dinheiro das vendas do livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, Carolina Maria de Jesus compra uma casa de alvenaria, à Rua Benta Pereira, 562, Alto de Santana, zona norte de São Paulo. E continua a escrever seus diários, tendo como motor o ressentimento. Na casa de alvenaria, mostra uma outra compreensão do mundo e da humanidade: sonhava em um mundo ideal, em uma humanidade “humana”, agora, decepciona-se.

A escritora, nesta segunda fase, substitui palavras por sinônimos, tornando-se menos repetitiva quando enuncia suas anotações diárias: “28 de outubro de 1961. Levantei às 6 horas [...] (p. 119)”; “02 de novembro de 1961. Despertei às duas horas para escrever, estou atrasada no Diário [...]” (p. 135). Nos enunciados, é dada ênfase aos verbos levantar e despertar, bem como o advérbio hoje, e quase sempre se expressam tristezas, angústias, desilusões e descontentamentos com as pessoas, com a vida que leva, afirmando sempre ser poeta: “07 de novembro de 1961. Hoje estou triste dizem que a tristeza persegue os poetas [...] estes dias as

coisas para mim estão amargas não tenho sossego com os versos que duplicam na minha cabeça” (p. 152 –164).

Carolina, nesta fase, convive com escritores, editores, repórteres, escritores e pessoas da alta sociedade, mas, também, não se sente bem nesse novo meio. Expressa, relata tudo em seus poemas, os quais muitos deles fazem parte de seu diário, sobretudo repercussões negativas: “porque é que eu não fiquei lá no mato plantando lavoura” (p. 153). O “eu” narrativo, a memória ressentida de Carolina é saudosa pelo tempo em que vivia no interior de Minas Gerais, antes de vir para São Paulo em busca de uma vida melhor.

Irritada pelas perversidades dos homens, desabafa: “Depois de conhecer a humanidade/ suas perversidades/ suas ambições/ Eu fui envelhecendo/ E perdendo/ as ilusões/ o que predomina é a maldade/ porque a bondade: Ninguém pratica” (p. 138). Seus escritos são denúncias da humanidade, do comportamento humano: “é horrível, suportar a humanidade/ Quem tem aparência nobre/ Que encobre/ As péssimas qualidades” (p. 138).

Na verdade, ler os poemas desta segunda fase do diário de Carolina seria o suficiente para se chegar à conclusão do seu descontentamento com essa nova fase da vida, como confirmam os versos a seguir: “Na campa silente e fria/ Hei de repousar um dia.../ Não levo nenhuma ilusão/ porque a escritora favelada/ Foi rosa despetalada” (p. 151).

Carolina teve a chance de ser ouvida, de erguer-se, de conquistar sua casa de alvenaria. Porém, o “eu” narrativo despertara, de um dia para outro, em um outro mundo (o mundo dos brancos e dos ricos), que segundo ela talvez fosse melhor não ter conhecido. Pois, agora, além de triste, está cansada e sem grandes perspectivas, sem grandes sonhos a seguir.

O que torna claro, nesta trajetória de Carolina, é que nem o reconhecimento, a fama fez com que a autora deixasse de ser uma mulher negra de grandes barreiras e conflitos existenciais. Carolina é uma mulher de fronteiras. Registra, ora um mundo que não é seu, ora maldizendo o sonhado sucesso, ela se localiza em um espaço que não a quer e que ela também rejeita: “01 de dezembro de 1961. Cheguei à conclusão, que se um pobre fica rico, a alma continua pobre”. Percebe-se que esse discurso, característico dos povos “oprimidos”, é que desenvolveu a “memória do ressentimento” em *Meu estranho diário*.

3 A memória do fim, “no sítio”

A visão de mundo de Carolina Maria de Jesus, em Santana, segunda fase de sua trajetória, ganha outros referenciais que não mais, simplesmente, os da favela. Carolina passa a maldizer a cidade e projetar no campo o ideal de pureza e de vida, por isso se muda para um

sítio. Independente das peripécias para a sobrevivência no mundo do outro, Carolina ia percebendo que as dificuldades eram maiores – mais que isso – chegara à hora de buscar seu refúgio. Na procura novamente de um espaço ideal, Carolina almeja a velha prática de procurar o campo como alternativa. Mas essa busca do espaço perfeito passa pelo filtro da identidade racial na fuga da civilização e da cidade (MEIHY e LEVINE, 1996, p. 10).

Essa terceira fase dos diários de Carolina Maria de Jesus inicia-se em setembro de 1962 a dezembro de 1963. Carolina muda para o sítio em Parelheiros – SP, onde tenta se refugiar, e escreve em forma de desabafos e com aparente exaltação que é vitoriosa pelo fato de ter saído da favela, e, dentro de dois anos, se tornou uma renomada escritora reconhecida internacionalmente. É paradoxal seu sentimento: mesmo convicta de que é uma vencedora, sente-se rejeitada e excluída da “sociedade branca”. Esse discurso contraditório é a base de sua memória ressentida.

Nessa última trajetória, o “eu” narrativo faz uso dos mesmos verbos já mencionados – levantei, despertei, porém, são frases que diferenciam dos “eus” da primeira e da segunda fase, pois se nota um isolamento por parte da autora: “21 de setembro de 1962. Hoje estou indisposta (...); 23 de setembro de 1962. Eu não gosto de sair aos domingos (...); 24 de setembro de 1962. Eu não posso acompanhá-lo até o comitê (...); 26 de setembro de 1962. Passei o dia na cama (...); 27 de setembro de 1962. Hoje eu estou indisposta [...]”. (p. 203-213).

O “eu” narrativo, dessa terceira fase, é nervoso e tenso. A vida de Carolina está atormentada por mudanças sociais e a noção de inviabilidade de convívio no espaço do outro é evidente. Entendendo o outro, como o branco, segundo seu próprio juízo, a vivência de Carolina Maria de Jesus nos Altos de Santana (Bairro nobre da São Paulo da época), mostrava-se insuportável. O relacionamento da vizinhança era impossível de suportar, por isso muda-se para o interior de São Paulo, no sítio. Ao mesmo tempo em que convive com as dificuldades de aceitação, como “intrusos negros” em uma “vizinhança conservadora”, Carolina tenta manter-se conhecida nos círculos jornalísticos, ao perceber que está esquecida, luta desesperadamente pela sua permanência, mas foi tudo em vão. Morreu esquecida, em 1977, nesse sítio em Parelheiros, interior de São Paulo.

Carolina Maria de Jesus acumula, talvez inconscientemente, os ressentimentos em seus inscritos. Pode-se comparar esse ódio recalcado com o ódio dos dominantes quando se encontram em face da revolta daqueles que consideram inferiores. Carolina manifesta nessa última parte um caráter de inibição, próprio do ressentimento. Puras ruminações, que se manifestadas e exteriorizadas teriam como consequência o desaparecimento, porém esse

sentimento de impotência diante do ódio é continuamente renovado em cada uma das fases dos diários que compõem a obra *Meu Estranho Diário*.

Sabe-se que, nas sociedades democráticas contemporâneas, direito e cultura são noções consubstanciais - a cultura nunca sendo homogênea, o direito nunca sendo unívoco. A sociedade que conhece essa pluralidade estará sempre lutando pelos seus direitos e por um lugar respeitado na sociedade. A própria Democracia favorece a formação de ressentimento. Segundo os apologistas da democracia, do século XVIII aos nossos dias (Voltaire a Habermas), um dos objetivos e um dos resultados da democracia seria o de substituir as violências pela tolerância, o enfrentamento dos ódios pelo confronto de opiniões, [...] tendo como efeito liberar as expressões e superar os ódios através do reconhecimento das pessoas e de seus feitos (BRECIANI, NAXARA, 2001, p. 23).

Um regime político capitalista extremamente desigualitário possibilita o desenvolvimento dos ressentimentos. Uma sociedade fundada sobre os alicerces do interesse individual busca, incessantemente, insatisfeita, a igualdade baseada em promessas políticas não cumpridas onde vigora leis ditadas pelas elites. No caso de Carolina, quem dita as leis é uma elite literária que dá prestígio somente aos que fazem parte de um cânone, tido como “altas literaturas”, propiciando uma insatisfação à literatura não canônica. Tudo isso faz a autora Carolina Maria de Jesus “sumir” na memória do ressentimento.

Considerações finais

Observamos que a construção do “eu” narrativo caroliniano se fez com ambiguidades. Carolina Maria de Jesus é, ao mesmo tempo, moradora da favela, mas deseja sempre outro lugar. Sai da favela, muda-se para uma Casa de Alvenaria, mas deseja outro lugar. Muda-se para um sítio, mas morre acorrentada ao ressentimento.

Isso acontece porque, segundo Madalena Magnabosco (2002), as forças político-econômicas e sociais que regem a sociedade dividem Carolina de Jesus em incluídos e excluídos, implicando uma diferença estabelecida e estandardizada entre homens / mulheres, ricos / pobres, cultos / incultos, negros / brancos. A estrutura assim montada, ao ser Carolina de Jesus inserida na categoria de favelada / mulher / negra / pobre, de acordo com Madalena Magnabosco (2002, p. 62),

(...) foi pega por uma perda de distância que impossibilita um olhar crítico e reflexivo, ao confundir sujeito e contexto, referência e referente, múltiplos eus com identidade unívoca pelo espaço ocupado. Imersa e sem distância, ela se

perde não na dicotomia cidade / favela, mas na evidência da impossibilidade de reconhecer-se por todo seu percurso e história.

Desejando a ascensão social e se desconhecendo tanto pelo espaço ocupado quanto pela imagem de si como favelada e marginal, Carolina de Jesus procura não se enquadrar nas representações da favela. Tanto que ela própria tinha preconceitos e discriminações contra negros, mulheres, nordestinos, e seus comportamentos de isolamento não coincidiam com o burburinho habitual das relações na favela. No bairro Santana, na casa de Alvenaria, também nega sua condição de negra, construindo sobre essa lacuna do estranhamento, uma narrativa fragmentada em forma de diário.

Em *Meu estranho diário*, repousam anotações de condições sociais, econômicas, políticas, étnicas, relações humanas deterioradas por motivos econômicos, psicológicos, uma gama de assuntos que podem ser tratados e discutidos em diferentes áreas. Assim, a discussão sobre essas questões que envolvem a memória do ressentimento exigiria uma centena de páginas, o que não é nossa pretensão.

Tendo a convicção da relação dos aspectos sociais com a vida artística e literária, em diferentes momentos, Carolina Maria de Jesus, cúmplice do seu próprio encarceramento, sofre influência exercida pelo meio em que foi gerada. A negra Carolina, entre poucas, foi vitoriosa na conquista de sonhos, vivificou uma experiência única no cenário literário brasileiro, cenário este que vale a pena lembrar, de perfil masculino e branco.

Os “Eus” narrativos nos três momentos da trajetória da vida da autora Carolina Maria de Jesus, na obra *Meu Estranho Diário*, são perceptíveis. Assim, admite-se um “eu caroliniano” para cada período, mas que se converge em um mesmo ressentimento. Carolina tenta capturar o vivido e salvaguardá-lo da morte. Dessa forma, Carolina Maria de Jesus traz à memória os acontecimentos que a levaram do lixo à fama e da fama ao esquecimento, confirmando a hipótese do ressentimento como motor de sua narrativa.

Referências

BRESCIANI, M.S. e NAXARA, M.R.C. **Memória e (Res) Sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp, 2001.

CAZAROTTO, J. L. **Tempo e Escrita: uma terapêutica da narrativa**. Disponível em: <http://www.cesjf.br/cesjf/index.php?centro=diretoria_geral1&lado=lado_inst>. Acesso em: 03 de mar. 2006.

JESUS, Carolina Maria de. **Meu Estranho Diário**. Org. José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine. São Paulo: Xamã, 1996.

MACIEL, S.D. “A Sinceridade como ficção”. **PAPÊIS**. Letras/UFMS. V,1, n. 1. 1997.

MAGNABOSCO, Madalena. **Reconstruindo imaginários femininos através dos testemunhos de Carolina Maria de Jesus**. Tese (Doutorado) - FALE, Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, UFMG - Belo Horizonte, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. Obras Incompletas. In. **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.